

## **O Estado de S. Paulo**

**19/05/1984**

### **Por trás, a 'Turma de Diadema'**

"Sílvia", "Bené", "Luiz", "Maninho", "Antônio", "Cida" — a Turma de Diadema, com seus nomes, falsas ou não, teve muito trabalho esta semana na região de Ribeirão Preto, atuando como orientadores junto aos movimentos grevistas dos bóias-frias da cana e da laranja. Eles chegaram primeiro a Guariba, viajando de ônibus e em um velho sedan Volkswagen azul, entrando em contato com o líder dos volantes, Benedito Magalhães, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

Um dia depois, já estavam em Bebedouro e Sertãozinho, empenhados na mesma omissão: dar apoio logístico ao movimento, viabilizando a paralisação. Organizaram a arrecadação de gêneros alimentícios, orientaram as mulheres a comparecerem às assembléias com os filhos para constranger qualquer ação repressiva e trataram de manter o clima sempre em níveis de moral alto, produzindo cartazes e reunindo as pessoas em tempo integral. Quem são eles? "Essencialmente elementos preocupados com seus semelhantes, embora também sejam homens e mulheres com forte noção de sua vida política", explicava ontem um padre ligado à Arquidiocese de Ribeirão Preto.

Há mais do que isso, porém, reconhece o mesmo sacerdote: todos eles tem um traço comum — pertencerá aos quadros regulares do PT, o Partido dos Trabalhadores. E pelo menos dois, "Maninho" e "Cida", também militam junto à Comissão Pastoral da Terra. Um perfil dessa "equipe", como define o padre, mostra que todas têm menos de 45 anos são de famílias da classe média baixa, alguns estudaram até a universidade e, dos seis, quatro estão desempregados.

### **INFILTRAÇÃO**

"Não é um processo de infiltração estranha no movimento dos volantes. Isso seria correto se tivesse havido estímulo à decretação da greve, o que não ocorreu. Os voluntários de Diadema simplesmente vieram fraternalmente solidarizar-se com os trabalhadores, já, naquele momento, empenhados em obter pela pressão uma reivindicação justa negada na mesa de negociações", afirma o religioso. Como explicar então a escalada de violência, aparentemente orquestrada dentro da greve? "O homem habituado a um trabalho brutal, no qual é tratado sem consideração, reage com brutalidade — essa linguagem, na verdade, foi imposta ao meio que agora explodiu, primeiro pelos usineiros e produtores", considera o religioso. Ele reconhece que "houve rumores" a respeito da presença de elementos radicais empenhados, isoladamente, em transformar a greve em uma ação violenta. A Secretaria de Segurança Pública atribui a estes indivíduos a iniciativa de incendiar os canaviais. E, como prova disso, aponta o fogo ateado em um ponto bem escolhido, onde havia apenas dois talhões e a partir do qual as chamas não se poderiam alastrar para toda a plantação. "Mão de profissional", definiu ontem um major do 3º BPM/I.

### **ORGANIZAÇÃO**

A Turma de Diadema é eficiente. As sacolas de mantimentos distribuídas aos grevistas eram bem compostas, com arroz, sal, feijão ou lentilha, farinha e carne seca. Para as crianças, leite em pó. Isso durou apenas um dia, mas ontem, em Bebedouro, o esquema voltou a ser acionado junto ao sindicato. A prefeitura também articulou uma operação semelhante. Mas, em Sertãozinho, quase acontecem novas choques: um funcionário do gabinete do prefeito propôs que 'fosse distribuída aos manifestantes uma refeição pronta — e para evitar que o mesmo

bóia-fria entrasse duas vezes na fila, após a entrega do prato, a mão direita de cada um seria marcada com um carimbo. Houve muitos protestos e a idéia foi rapidamente abandonada.

Nada, todavia, deixou mais evidente a presença de estranhos ao melo, do que o quebra-quebra da manhã de ontem em Monte Alto. Logo cedo, diante do Bar do Bedin, onde se concentram os volantes à espera dos turmeiros, um homem alto e moreno fez um inflamado discurso, dizendo que "os patrões só entendem mesmo a linguagem da força e da "pancada". Levantou a multidão — e desapareceu. Quinze minutos depois, havia 30 feridos leves, o comércio fechou, pânico e correria. O estoque do Mercado Municipal foi todo levado, inclusive as armas e munições da seção de artigos de caça e pesca.

## **O DETONADOR**

O começo de um movimento amplo, forte e articulado como o que levou ao colapso a sofisticada rede agrícola-Industrial da cultura canavieira da região de Ribeirão Preto começa, às vezes, distante do local dos acontecimentos posteriores. Essa é a tese de um militante do PT, identificado apenas como "Tadeu", e ligado à diretoria cassada do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

No caso dos bóias-frias, constatou-se que a reivindicação era legítima, antiga, institucionalmente reconhecida como correta — mas "sempre mal encaminhada nas negociações com os patrões por falta de comando e preparo". Para suprir essa deficiência, começaram a ser mantidos os primeiros contatos com os dirigentes sindicais de Guariba, Bebedouro, Sertãozinho, Monte Alto e Barrinha. O presidente do Sindicato de Guariba, Benedito Magalhães, é hoje um homem do Conclat. A coleta de informações funcionou muito, e fez chegar à comunidade de bóias-frias dados referentes ao valor da cultura canavieira, ou a proporção entre o lucro do produtor e o valor estipulado para a tonelada cortada, além de se realizar uma "conscientização da realidade", mostrando, por exemplo, a diferença entre os salários pagos a um operário urbano de média qualificação e as diárias dos volantes. Foi desta maneira que surgiram idéias como a da inclusão de um contrato de previdência social e a da bonificação por dia de chuva, no longo acordo firmado na quinta-feira sob a intermediação do secretário do Trabalho, Almir Pazzianotto.

## **Quem ganhou?**

Quem ganhou e quem perdeu com a greve dos bóias-frias? A resposta a esta pergunta foi o tema das conversas durante todo o dia de ontem entre líderes sindicais, políticos e ativistas trabalhistas, após o início, na quinta-feira, das primeiras negociações bem-sucedidas desde que a paralisação começou. A conclusão dos dirigentes do PMDB era a de que o grupo do governador Franco Montoro ganhou prestígio e mais poder — graças, principalmente, à ação dos secretários do Trabalho, Almir Pazzianotto, e do Governo Roberto Gusmão, ambos também empresários rurais.

Dois representantes do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, que não quiseram identificar-se, consideraram, porém, "saldo positivo para o PT" o fato de vários militantes do partido terem-se engajado no movimento, ampliando a influência junto às comunidades rurais, onde os petistas não circulariam com a mesma desenvoltura verificada nos centros urbanos.

A Igreja, presente a todos os acontecimentos da semana, não admite essa participação como "política". Segundo o bispo de Jaboatão, dom Luiz Eugênio Peres, "nem mesmo a Comissão Pastoral da Terra se envolveu no movimento dos bóias-frias, embora tenha manifestado seu apoio porque é um órgão ligado a essas questões". O bispo criticou os jornais O Estado de S. Paulo e Jornal da Tarde, que denunciaram a atividade do padre José Domingos Bragheto, membro da CPT, na manifestação das volantes: "Eu condeno esses jornais, que acusaram o

padre Bragheto e a CPT de terem insuflado o conflito e o tumulto", diz ele, frisando que "somente depois de deflagrada a greve é que o padre começou a observar o movimento".

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jaboticabal, Benedito Magalhães, admite que "alguns políticos estiveram na área", mas nega que eles tenham apoiado o movimento para obter o fortalecimento dos seus partidos. O deputado estadual Waldir Trigo, do PMDB, foi apontado por usineiros de Sertãozinho como "um dos instigadores" da greve com o objetivo de "prestigiar seu partido". Trigo defende-se, alegando que foi "acordado em casa e informado da rebelião. Apenas estive no local dos piquetes de Sertãozinho e convidei os bóias-frias a participarem da assembléia". O deputado, entretanto, foi o homem que comandou a assembléia dos volantes em Sertãozinho.

**(Página 9)**